

Violência filmada e comportamentos agressivos: II-Percursos da análise experimental e novas vias de investigação

JORGE VALA

MARIA BENEDICTA MONTEIRO *

Este texto surge na continuação de um artigo que publicámos nesta mesma revista, e em que procedemos a uma revisão das principais propostas teóricas que têm estado na origem da investigação experimental no domínio dos efeitos da violência filmada sobre os comportamentos agressivos dos espectadores.

Propomo-nos agora proceder a uma revisão crítica da própria operacionalização experimental neste domínio, salientando a diversidade das variáveis já estudadas, e também as estratégias metodológicas utilizadas pelos experimentadores. Como conclusão apontaremos uma proposta sobre as novas vias de investigação que se abrem nesta área.

1. VARIÁVEIS MEDIACIONAIS A NÍVEL DO ESTÍMULO, NOS SUJEITOS, E DO CONTEXTO DE VISÃO E RESPOSTA

Se bem que o conjunto de investigações experimentais desenvolvidas desde há mais de 20 anos no domínio dos efeitos da violência fil-

mada sobre os comportamentos agressivos, evidencie uma clara influência positiva dos filmes violentos, os investigadores têm-se preocupado em esclarecer em que condições específicas esses efeitos ocorrem: de facto a variedade dos desenhos experimentais, ao nível dos filmes, dos sujeitos e dos contextos de visão e de resposta, têm permitido equacionar e demonstrar o significado de algumas variáveis mediadoras do comportamento agressivo subsequente à exposição à violência filmada.

1.1. Variáveis relativas ao estímulo — Os filmes

A grande quantidade de violência veiculada pelos *desenhos animados*, destinados sobretudo a crianças, levou os investigadores a verificar se a exposição a este tipo de filmes, em contra-posição à exposição a filmes *realistas*, interferia nos comportamentos subsequentes.

Enquanto Siegel (1956), Mussen e Rutherford (1961) demonstram a diferença entre desenhos animados agressivos e neutros na produção de comportamentos agressivos, Bandura *et al.* (1963) verificam a *inexistência de diferenças* na imitação de modelos agressivos em crianças, quer os modelos sejam ao vivo, filmados, ou caricaturados (desenho animado). Hapkiewicz (1977) numa recensão crítica de alguns estudos experimentais efectuados neste

* Texto escrito no âmbito do projecto no 125.79.102 do programa de Investigação da J.N.I.C.T. para 1980. J. V. é Psicólogo Social, Investigador do G.E.P.S. — Grupo de Estudos de Psicologia Social, I.S.P.A., e assistente no I.S.C.T.E.; M. B. M. é Psicóloga Social e Filóloga, Investigadora no G.E.P.S. e docente no I.S.P.A.

domínio (sete laboratoriais e três de campo), refere o carácter inconclusivo dos resultados, que não permitem a inferência de que os desenhos animados provoquem maior ou menor agressão do que os filmes realistas. Lövaas (1961), mostra em duas experiências que os desenhos animados violentos não aumentam a probabilidade subsequente de uma criança brincar com um brinquedo agressivo. Numa terceira experiência, porém, os resultados foram contrários: as crianças expostas a desenhos animados violentos escolheram, mais frequentemente do que outras, brinquedos agressivos.

Os estudos laboratoriais neste domínio levantaram questões metodológicas (reduzido tempo de exposição aos filmes e cenário artificial), que os *estudos de campo* tentaram ultrapassar, deslocando-se para as salas de aula e para os recreios infantis. Assim, Friedrich e Stein (1973) conduziram um estudo com crianças, em infantário, expondo-as a versões de desenhos animados do Super-Homem e do Homem Morcego, durante um período de quatro semanas, observando sistematicamente as interações com os companheiros (três semanas antes do período de exposição, quatro semanas durante o período de exposição e duas semanas após o período de exposição). Os resultados mostraram que as crianças que, à partida, tinham níveis de agressividade acima da média, posteriormente atacaram mais os companheiros, verbal e fisicamente, do que as crianças expostas a filmes neutros. Não se verificaram alterações nos comportamentos das crianças com nível de agressividade abaixo da média. Evidenciou-se ainda uma *correlação positiva* entre comportamentos agressivos e comportamentos pró-sociais. Os próprios autores levantam a questão do *nível de actividade*, como factor responsável pelos resultados: algumas crianças são simplesmente mais socialmente activas do que outras, manifestando maior quantidade, a todos os níveis, de comportamentos interpessoais. Os desenhos animados violentos apenas aumentariam, assim, o nível de actividade dos sujeitos socialmente mais activos.

Esta experiência introduziu ainda a questão dos *efeitos da exposição continuada versus exposição única*, típica da situação laboratorial. Parke *et al.* (1977), analisando especificamente esta variável, puderam concluir que os jovens expostos a uma única sessão filmada violenta mostravam maior agressão, tanto física como verbal, do que os companheiros que foram sujeitos a uma série de cinco filmes, o que nos sugere um efeito, já salientado no contexto de terapia comportamental, de habituação ou de saciação de estímulos apresentados de forma contínua.

Também o *desfecho do filme*, atribuindo uma *função positiva ou negativa à violência* exibida modifica as respostas dos observadores (Feshbach, 1961; Zillmann, Johnson e Hanratten, 1973). Este efeito parece estar ligado à demonstração das consequências benéficas ou nefastas da violência, funcionando ora como reforço positivo ora como reforço negativo dos estímulos em presença.

Nesta perspectiva, a exibição de *violência justificada versus violência injustificada* parece também interferir na reacção dos observadores e nos comportamentos agressivos subsequentes: enquanto a violência justificada pelas circunstâncias provoca aumento de comportamentos agressivos, a violência injustificada inibe o aumento da agressão, sugerindo a hipótese adicional de que a ansiedade provocada por esta última situação bloqueia a imitação por parte dos espectadores.

Berkowitz (1979) refere cinco estudos experimentais levados a cabo na tentativa de comprovar precisamente a importância do *significado* atribuído pelos espectadores à agressão observada, e o seu reflexo no comportamento. Em quatro destes estudos (Berkowitz e Rawlings, 1963; Berkowitz, Corwin e Heironimus, 1963; Berkowitz, 1965; Berkowitz e Geen, 1967) com o filme de boxe «The Champion», em várias versões, o vencido, que era simultaneamente o herói do filme, evidenciava um carácter mais ou menos «atraente», de tal modo que a violência física de que era alvo era entendida, respectivamente, como mais ou

menos justificada. Imediatamente após o filme, quando os sujeitos tinham a oportunidade de atacar o comparsa que os insultava, evidenciavam menor agressão na condição em que o vencido do filme era atacado menos justificadamente.

O mesmo filme foi utilizado por Leyens (1973) para verificar a influência do processo de identificação do observador com o vencedor, com efeitos no comportamento agressivo subsequente: depois de irritados por um comparsa, os sujeitos viam um curto extracto de filme. Posteriormente, tinham oportunidade de administrar choques eléctricos ao referido comparsa. Os sujeitos que mostraram maior identificação com o vencedor evidenciaram mais agressão, tendo ainda referido que se sentiam mais à vontade, menos tensos e mais satisfeitos do que os que revelaram baixo grau de identificação.

1.2. Variáveis relativas aos sujeitos

As variáveis incluídas no capítulo anterior começaram por ser analisadas como característica do próprio estímulo — o filme. Mas em breve os investigadores se perguntaram se o efeito observado decorria apenas do filme ou também da elaboração cognitiva que os sujeitos dele faziam.

O significado violento ou não violento dos filmes foi uma das variáveis retomadas nesta perspectiva de análise. Berkowitz e Alioto (1973) verificaram que os sujeitos previamente irritados evidenciaram um maior grau de agressão impulsiva quando uma cena lhes foi apresentada como violenta. Os sujeitos a quem a mesma cena foi apresentada como não-violenta evidenciaram, pelo contrário, menor grau de agressão.

A percepção que os sujeitos têm do carácter real ou fictício dos filmes foi estudada por Feshbach (1972). Este autor mostrou a crianças entre os 9 e os 12 anos um filme sobre um confronto violento entre estudantes e polícias. Quando o filme foi apresentado como um documento real («se calhar, já o viram na televisão!»), provocou muito mais agressão do que quando foi apresentado como uma monta-

gem «hollywoodesca» («talvez já tenham visto estes actores na televisão!»). Meyer (1972) e Noble (1973) confirmaram, por sua vez, este fenómeno: desde que a violência não atinja um grau tal que iniba a expressão subsequente de agressividade, os filmes percebidos como reais provocam mais agressão que os filmes percebidos como ficção.

Leyens et al. (1974) interrogam-se a este respeito, sobre a razão do fenómeno: será que a violência percebida como real favorece mais a imitação ou a desinibição? Será que potencializa a activação emocional? Será que os espectadores, face à ficção, se distanciam da acção? Ou porque a «fantasia violenta» (*covert behavior*) pode, efectivamente, servir de substituto parcial em relação ao comportamento aberto (*overt behavior*)?

Ainda com o fim de analisar o efeito da percepção do filme nas respostas agressivas subsequentes, Leyens, Cisneros, Camino e Fisher (1974) desenvolveram o conceito de *descentração* que definem como «a process whereby the spectator of a particular movie takes distance (frees himself) from the immediately available content of the movie and changes the probability of occurrence of the usual model responses by altering the traditionally controlling variables» (Leyens et al., 1976).

Embora próxima da noção de autocontrole na modificação do comportamento (Kanfer e Phillips, 1970), a descentração deve, no entanto, ser entendida, segundo os seus autores, como uma focagem no conteúdo imediato do filme: os observadores não devem «distrair-se» do filme que estão a ver, nem executar simultaneamente qualquer tarefa sem ligação com o filme. A indução da descentração fornece apenas aos espectadores um outro quadro de referência para avaliarem o que vêem (por exemplo, o valor estético do filme, as suas qualidades técnicas ou a mundividência do realizador). Num estudo de Leyens et al. (1976), os autores verificam que os sujeitos expostos a estímulos agressivos na condição descentração oferecem respostas agressivas significativamente

menos fortes do que os sujeitos da condição não-descentração.

Sawin (1977) retoma a *questão da ficção-realidade* em termos da importância dos processos cognitivos dos sujeitos. Trabalhando com crianças de infântario (5 anos) e de escolaridade básica (10 anos), verifica que os rapazes apresentam graus mais elevados de agressão quando induzidos a crer que o conteúdo do filme é real do que quando a indução lhes faz crer que o mesmo conteúdo é fictício. Encontrou porém resultados contrários em relação às raparigas, que apresentaram maior grau de agressão após a exposição à violência fictícia do que após a exposição à violência real.

Estes resultados, para além de acentuarem a importância da variável cognitiva — o modo como percebemos os estímulos —, chamam ainda a atenção para a *variável sexo*. Com efeito, a maior parte dos estudos experimentais no domínio dos efeitos da exposição à violência filmada, ou empregou apenas sujeitos masculinos, ou não controlou a variável sexo, ou obteve resultados inconcludentes ou contraditórios com os sujeitos femininos.

Sawin propõe a explicação, a título de hipótese, *a posteriori*, de que a diferença deve ser entendida à luz do processo de socialização específico a que cada sexo é sujeito: as raparigas são mais frequentemente punidas pelos surtos de agressividade real do que por acções agressivas no domínio da fantasia, em contexto do jogo, especialmente com bonecas. Pelo contrário, a agressividade masculina real é mais tolerada pelos pais e pelos pares, enquanto a agressão pela fantasia no contexto de jogo tem mais probabilidade de ser punida, por ser catalogada como «infantil», no sentido mais pejorativo do termo.

Na mesma linha, Sears, Maccoby e Levin (1957) sugerem que aos rapazes é dada maior liberdade de expressão da agressividade com os pais e os companheiros do que às raparigas, que são predominantemente avaliadas pelo seu «bom comportamento». De facto, os pais, professores e outros agentes de socialização tendem a recompensar comportamentos próprios

de cada sexo e a punir ou ignorar respostas inapropriadas, fazendo com que as crianças aprendam a reconhecer as expectativas dos adultos a seu respeito: Fauls e Smith (1956) mostram a rapazes e raparigas de 5 anos uma série de figuras que ilustram actividades masculinas e femininas. Perguntam-lhes depois que actividades, respectivamente, o pai e a mãe preferiam para eles(as). As respostas indicam que, efectivamente, as crianças atribuem aos pais expectativas apropriadas ao seu sexo.

Finalmente, e ainda na linha de elaboração cognitiva dos sujeitos, Da Glória e Ridder (1977) demonstram que as reacções de um sujeito a uma estimulação nociva (noção operacional de comportamento agressivo), podem ou não ser agressivas segundo o estímulo é interpretado como comportamento justificado pelas *normas* de uma dada situação, ou como indicador de uma intenção agressiva da parte de outrem. A agressão, segundo esta perspectiva, não seria simplesmente a emissão de estímulos nocivos a outrem (Buss, 1961, pág. 1) mas também uma *atribuição* específica no contexto de uma relação interpessoal, necessariamente ligada às normas que regulam uma dada situação.

Leftcourt *et al.* (1966) analisam a situação de *conflito individual* face à agressão: segundo as teorias da aprendizagem, o conflito é a diferença entre o valor de um objectivo e a expectativa sobre a capacidade de o alcançar. Assim, um indivíduo está em estado de conflito se evidencia forte preferência por um determinado objectivo (valor elevado de reforço) e reduzida esperança de sucesso (baixa expectativa) na obtenção desse objectivo. No domínio dos efeitos da violência filmada, os indivíduos *em estado de conflito face ao comportamento agressivo* diminuirão a agressão se houver ameaças punitivas externas no momento em que vêem o filme, mas aumentá-la-ão mais que outros se essa condição não se verificar. Em termos de resultados, os sujeitos em estado de conflito evidenciam, pois, maior variabilidade no comportamento agressivo do que os indivíduos

que não estão em estado de conflito face à agressão.

Visto de outro ângulo, podemos ainda dizer que os sujeitos aumentam a agressão face à violência filmada quando estão «predispostos» a agir agressivamente, isto é, quando estão irritados, frustrados ou de mau humor (Berkowitz, 1965). No entanto, esta condição não parece essencial, já que outros acontecimentos sem carácter violento podem ocorrer, produzindo idêntica *activação emocional* (Tannebaum e Zillmann, 1975). A hipótese de activação emocional poderia fazer supor que o conteúdo violento dos filmes é relativamente irrelevante; no entanto Berkowitz (1965) comparou o efeito de filmes violentos e neutros igualmente «excitantes», e obteve sempre maior agressividade com conteúdos violentos do que com conteúdos não violentos. Estes resultados sugerem a hipótese da interacção conteúdo-activação, comprovada por Tannebaum (1917) através da experiência já anteriormente descrita.

No domínio das variáveis atribuíveis aos sujeitos, referimos ainda a questão da *personalidade*. Alguns investigadores sugeriam a existência de uma *tendência geral* dos indivíduos para se comportarem agressivamente (Berkowitz, 1962), como importante característica de personalidade. Goldberg (1973), Eron *et al.* (1972) e Lefkowitz *et al.* (1977) encontraram correlações positivas entre a exposição à violência televisiva e algumas medidas de agressão para as raparigas, mas não para os rapazes. Ao estudar a influência de dois filmes pró-sociais na punição infantil, Coats *et al.* (1976) encontraram alterações de comportamento nas crianças cuja medida base de agressão era inicialmente baixa. Pitkänen (1973, 1976), procurando outras dimensões da personalidade para além da própria agressividade, construiu um modelo bi-dimensional descritivo de quatro estilos de reacção social nas crianças. Os quatro tipos de personalidade representados pelos quatro quadrantes determinados pelos dois eixos são: *agressivo*, com elevado número de respostas abertas e fraco controlo dos impulsos; *constructivo*, com elevado número de respostas abert-

tas e forte controlo dos impulsos; *ansioso*, com reduzido número de respostas abertas e forte controlo dos impulsos, e *submisso*, com reduzido número de respostas abertas e forte controlo dos impulsos. Pitkänen (1976) e Olweus (1979) verificaram ainda a estabilidade destas categorias ao longo do tempo, avaliadas por professores e companheiros. Lagerspetz e Englbom (1978) utilizaram o modelo de Pitkänen numa experiência com crianças dos 4 aos 7 anos, agrupadas segundo os quatro tipos de personalidade anteriormente referidos, que eram expostas a sequências filmadas violentas e depois observadas em interacção livre por grupos de três (homogéneos quanto à personalidade): os *submissos* e os *constructivos* evidenciaram aumento significativo de agressividade em contraposição com os *ansiosos* e os *agressivos*, e não se evidenciaram diferenças significativas em relação ao sexo.

1.3. *Variáveis relativas aos contextos de visão e de resposta*

A exposição a estímulos violentos filmados raramente é um acto individual. Assistimos aos filmes em grupos, com a família ou com amigos, discutimo-los ou comentamo-los com outros, lemos as críticas nos jornais.

Qual a influência destes contextos de visão nos nossos comportamentos?

Baron (1972) analisou a influência da *censura de pares* em indivíduos expostos a um modelo violento. A hipótese experimental considerava dois tipos de censura: emitida por alguém por quem o sujeito manifesta elevado nível de atracção — e nesse caso a influência redutora de comportamento agressivo é positiva — e emitida na condição de baixa atracção, obtendo resultados contrários. A influência mediadora do papel dos pares na exibição de comportamentos agressivos revelou-se também significativa, sobretudo com crianças pequenas: quer seja por processo desmitibitório, por processo imitativo ou reforçador, a experimentação mostra que, *isoladamente*, as crianças pequenas (5 anos) são menos agressivas com um modelo

adulto (que anteriormente viram ser agredido, num filme, por outro adulto) do que em *grupos* de dois; nesta condição, não só verbal como fisicamente, exibem elevado número de comportamentos agressivos modelados pelo filme, mesmo tendo à sua disposição, na sala do teste, vários brinquedos agressivos e não agressivos (Drabman e Thomas, 1977).

Bandura e os seus colaboradores mostraram que as crianças imitam especialmente actos agressivos quando: *a*) os *adultos* não desaprovam os actos exibidos no écran (Hicks, 1968) ou não os *punem* (Bandura, 1965); *b*) quando o contexto de resposta se assemelha à situação exibida pelo filme (Meyerson, 1966); *c*) quando os actos agressivos são positivamente *reforçados* (Bandura, 1965).

Martin, Gelfand e Hartmann (1971) expuseram crianças a uma situação de jogo na presença de um adulto ou de um companheiro, depois da observação de um modelo agressivo. Os resultados mostraram que a presença do adulto funciona como sinal inibidor, mas que, pelo contrário, a presença de um companheiro do mesmo sexo desinibe a agressão, em comparação com a condição neutra. Resultados semelhantes encontram-se em trabalhos de Horton e Santogrossi (1978).

O contexto de visão e de resposta em grupos naturais, como mediador dos efeitos de exposição à violência filmada, foi ainda analisado através da experimentação de campo com adolescentes delinquentes por Leyens *et al.* (1975), em função das variáveis hierarquia de dominância e popularidade. Os resultados evidenciaram que o aumento geral de agressão num grupo altamente agressivo correlacionava com os níveis de dominância: os sujeitos mais dominantes reagiram mais e de forma mais imediata aos filmes violentos, enquanto os sujeitos menos dominantes evidenciaram respostas menos violentas, embora mais persistentes no tempo. Em relação à variável popularidade, foram os mais populares, mas também os menos populares que exibiram mais comportamentos agressivos, sendo estes resultados apenas relativos ao grupo base mais agressivo.

2. PROBLEMAS METODOLÓGICOS

Os resultados da investigação experimental, no domínio dos efeitos da violência filmada sobre os comportamentos agressivos, evidenciam, no seu conjunto, um efeito positivo (Andison, 1977). No entanto, dada precisamente a importância desta conclusão para a sua utilização pública por parte das diferentes instituições sociais, muitos foram os que levantaram questões sobre a correcção do trabalho efectuado e, conseqüentemente, sobre a possibilidade de generalização dos resultados à variabilidade, complexidade e dinâmica das situações quotidianas (Hartley, 1964; Weiss, 1969). Para isso, e nomeadamente na década de 70, assistimos a estudos sistemáticos de levantamento dos dispositivos experimentais utilizados, e da análise das suas limitações na produção de resultados generalizáveis (Singer, 1975; Barkowitz, 1970; Leyens, 1979; Geen, 1978; Andison, 1977).

Passaremos seguidamente em revista as principais questões metodológicas que este tipo de trabalhos levanta, agrupando-as em quatro: 1) as variáveis independentes, 2) os cenários experimentais, 3) os sujeitos experimentais, 4) as variáveis dependentes.

2.1. *As variáveis independentes*

Esta questão envolve o tipo de estímulos apresentados aos sujeitos. A generalização dos efeitos da violência filmada supõe que os estímulos filmados utilizados na experimentação sejam representativos dos filmes que o público pode quotidianamente observar. Leyens (1979) afirma que uma das principais críticas às situações laboratoriais incide, precisamente, sobre o facto de as sequências filmadas expostas serem, em muitos casos, construídas para o efeito (Bandura, 1963) ou, quando utilizadas séries correntes, apenas serem exibidos curtos extractos, necessariamente desinseridos do seu contexto normal de exposição (Berkowitz, 1970).

Os estudos de campo permitiram a resposta a esta crítica, utilizando estímulos idênticos aos da vida corrente, tanto nos filmes violentos como nos de controlo (Leyens *et al.*, 1975; Parke *et al.*,

1977; Friedrich e Stein, 1973): a direcção dos resultados laboratoriais não se alterou, ou seja, os espectadores aumentaram os comportamentos agressivos após a exposição à violência filmada.

O carácter violento ou não violento dos filmes foi também alvo de pesquisa. Com efeito, tanto no que toca à violência, que pode ser exibida em dimensões e graus variáveis, como à não violência, como ainda no que toca ao grau de *interesse* que os filmes despertam, Leyens (1975) e Parke *et al.* (1977) submeteram os observadores a questionários classificativos dos filmes apresentados, e submeteram os próprios filmes a análises de conteúdo, controlando aquelas categorias: os filmes utilizados foram reconhecidos como violentos ou como não violentos tanto por parte dos espectadores como por parte de juízes «cegos».

2.2. *Os cenários experimentais*

Uma primeira questão incide sobre o dispositivo laboratorial: os adultos ou as crianças são convocados, pagos ou não, para se deslocarem a determinado local e, sozinhos ou em grupo, são expostos a sequências filmadas e induzidos a realizar tarefas ou jogos de diversa índole. Esse local, apesar dos cuidados normais de encenação, tem algo a ver com as condições normais de exposição? Quando os sujeitos se encontram em grupo, nomeadamente se são crianças, como é controlada a sua interacção em termos, por exemplo, da activação ou excitação que mutuamente se provocam? Os estudos de campo, também neste domínio visaram responder a estas críticas, deslocando-se a *cenários naturais* (Friedrich e Stein, 1973; Feshbach e Singer, 1971; Leyens *et al.*, 1975; Parke *et al.*, 1977), onde confirmaram os resultados das hipóteses laboratoriais dos respectivos autores.

Comstock (1978) chama, no entanto, a atenção para o perigo de menosprezar as dificuldades metodológicas que os estudos de campo colocam: a integridade das condições do tratamento podem, efectivamente ser postas em cheque, não só pelo «caos» natural dos aconteci-

mentos, mas também pela necessidade de reduzir as queixas da audiência por ser submetida a programações que não deseja e com que não se identifica. Por outro lado, nas circunstâncias naturais existem numerosas influências concomitantes, que podem ofuscar um efeito que ocorra em termos de exposição média. E ainda, no terreno um fenómeno pode ocorrer a um nível abaixo da possibilidade de detecção estatística, embora o seu impacte real possa ser de grandeza considerável, em termos quantitativos ou de importância social.

2.3. *Os sujeitos experimentais*

As questões relativas aos sujeitos experimentais, apontando para dificuldades na generalização dos resultados, parecem ser de menor relevância: Singer (1975) chama a atenção para a insuficiência de dispersão etária das amostras experimentais e, sobretudo, para o facto de a maioria dos estudos sobre violência televisiva utilizar crianças pequenas ou adultos, enquanto que a camada etária espectadora se situa maioritariamente entre os 11 e os 14 anos, pelo menos nos Estados Unidos. Uma outra crítica de Singer incide sobre a limitação das amostras em termos dos estratos sociais e dos grupos étnicos, que têm sido utilizados, dificilmente permitindo ampla generalização dos resultados obtidos. Embora não menosprezando a importância da composição das amostras experimentais, nomeadamente com vista a elucidar a variação dos resultados, em função de características específicas dos grupos sociais, étnicos ou etários, Goranson (1970), Andison (1977) e Comstock (1978), sublinhando as precauções que devem rodear as inferências generalizadoras a partir de experiências isoladas, sugerem a importância da convergência de resultados provenientes de estudos com metodologia, sujeitos e cenários diferenciados, como critério real de generalização.

2.4. *As variáveis dependentes*

Medir a agressão supõe uma definição operacional deste conceito, eventualmente com limi-

tações em relação à riqueza do corpo teórico de que decorre.

Goranson (1970), menciona a distinção existente entre as definições de agressão como *intenção de dano* (harm intent) ou como *forma de resposta* (response form). A intenção de dano tem sido predominantemente medida, em laboratório, através de dispositivos especiais: a B.A.M. (Buas Aggression Machine) e seus sucedâneos. Nas experiências que empregam este equipamento, os sujeitos crêem que estão a participar numa experiência de aprendizagem e administram, a pedido do investigador, choques eléctricos a pessoas que não estão a observar. O experimentador regista a intensidade e a duração dos choques; não estão presentes as sanções sociais correntes contra a agressividade e, em muitos casos, os sujeitos «sabem» que ficarão impunes dos actos praticados.

Para além das questões que a artificialidade deste contexto de respostas levanta, a B.A.M. tem levantado dúvidas quanto à sua própria validade como instrumento de medida da agressão: os estudos de correlação entre as respostas obtidas com a B.A.M. e as respostas a questionários de hostilidade, comportamentos em *role-playing*, ou apreciações de pares, pais ou professores, têm obtido valores elevados; no entanto, Leyens (1975), chama a atenção para a possível contaminação de efeitos que estas correlações encerram, uma vez que, na maioria destes estudos, os mesmos sujeitos devem responder a um questionário e operar na B.A.M., sem que tenha sido controlado o efeito sequencial deste dispositivo experimental.

A *forma resposta*, ao contrário da intenção de dano, limita-se à medição das características físicas dos comportamentos agressivos, tais como bater, dar pontapés, empurrar ou insultar (Parke *et al.*, 1977; Leyens, 1975). A forma destas respostas é classificada como agressiva, mesmo quando elas são dirigidas contra alvos inanimados (Bandura *et al.*, 1963). Segundo esta definição, a agressividade não é pois uma qualidade directamente mensurável num acto, mas um rótulo, em termos de juízo social.

Apesar das evidentes diferenças entre os tipos de agressão anteriormente mencionadas e medidas, Goranson (1970) sublinha mais uma vez o significado de consistência de resultados obtidos através dos diferentes dispositivos operacionais, bem como as correlações positivas encontradas entre eles.

Uma visão de síntese da diversidade de dispositivos metodológicos que têm caracterizado as investigações neste domínio, parece apontar para algumas observações (Comstock, 1978): o estudo da influência televisiva e cinematográfica requer tanto o estudo laboratorial como a observação e a recolha de dados da vida real — o primeiro para estabelecer a possibilidade de relações de causalidade e explorar as variáveis que para ela concorrem, e a última para confirmar a existência de idênticas relações na vida real, dando consistência aos resultados laboratoriais. A experimentação em meio natural pode, efectivamente, fornecer sérios argumentos para uma maior generalização de resultados, desde que seja garantido o devido rigor na execução e no controlo do plano experimental.

3. NOVAS VIAS DE INVESTIGAÇÃO

Aos investigadores cujos contributos estão na base da análise experimental dos efeitos da violência filmada — Bandura e Berkowitz — não interessava à partida, a análise deste problema em si. Bandura propunha-se, antes de mais, analisar o processo de imitação no âmbito da teoria de aprendizagem social e Berkowitz propunha-se evidenciar o papel dos estímulos associados com a violência, de que os filmes agressivos são uma categoria, no âmbito da sua revisão da teoria de frustração-agressão. Se analisarmos os paradigmas experimentais dos trabalhos destes autores, verificamos que a unidade de análise é o indivíduo, que o filme-estímulo é tomado como única fonte de influência, que é sobretudo à situação e não aos sujeitos, através das suas características diferenciais ou dos processos cognitivos que estão na base da elaboração do estímulo, que são

imputados os resultados obtidos. O conjunto dos trabalhos por nós analisados não ultrapassa, na sua maioria, estas insuficiências.

Pensamos, porém, que, numa perspectiva psicossociológica, a investigação neste domínio ganhará com o desenvolvimento do estudo das variáveis relativas ao contexto de visão e de resposta, nomeadamente no que se refere à análise da interdependência real ou simbólica dos sujeitos espectadores, na sua relação com um estímulo comum — o filme.

Na verdade, nos primeiros estudos sobre os efeitos da violência filmada, a realidade social é considerada mais como um dado do que como uma construção e os cenários experimentais são elaborados como se a comunicação se processasse num vazio social, as audiências fossem constituídas por unidades individuais, a relação estímulo-sujeito fosse unívoca e a um emissor activo correspondesse um receptor passivo. Alguns autores (Milgram e Shotland, 1974; Feshbach e Singer, 1971), ao passarem da experimentação em laboratório para a experimentação no terreno, não ultrapassaram a perspectiva enunciada: ainda aqui os indivíduos enquanto tal são considerados como as unidades em análise, não se tomando em linha de conta a interacção, nem como variável independente, nem como variável dependente.

Ora, a escola lewiniana há bastantes anos que chamou a atenção para a inserção dos sujeitos em grupos e para a importância dos processos daí decorrentes, não só na elaboração do real, como também na elaboração da estratégia comportamental dos próprios sujeitos.

No contexto específico da análise dos processos de comunicação sublinhe-se, ainda, a contribuição de Lazarsfeld *et al.* (1944) e Katz (1956-1977) ao proporem a hipótese dos dois estádios de difusão da informação; e a contribuição de J. e M. Riley (1959-1973), cujo modelo evidencia como a audiência não é formada por indivíduos isolados, mas integrados em grupos e situados numa estrutura social específica, como a mensagem é um elemento de uma cadeia de comunicações, e como o emissor e o receptor são interdependentes.

É na convergência destas hipóteses teóricas que Leyens *et al.* (1979) vêm estudando o contexto social de visão dos filmes violentos, abrindo assim uma nova via de investigação neste domínio.

Mas a psicologia social não descarta as diferenças interindividuais, quer elas sejam equacionadas em termos de personalidade quer sejam vistas como decorrentes da inserção social e cultural dos indivíduos. Nesta perspectiva, pensamos, então, ser particularmente fecunda uma análise dos efeitos da violência que, simultaneamente, analise o que é decorrente do contexto social de visão (a interacção entre os espectadores, nomeadamente), o que é decorrente da personalidade dos sujeitos, e o que é função das diferentes percepções dos filmes violentos, nomeadamente enquanto resultado de diferentes representações da violência (representações que se articulam com a especificidade dos quadros sociais e culturais dos sujeitos espectadores). Ora, poucos foram os estudos que tomaram como hipótese relevante quer o papel mediador da percepção do conteúdo do filme quer o papel da personalidade dos sujeitos na compreensão dos efeitos da exposição à violência filmada.

Concretamente, o estudo da dimensão individual parece ser, de facto, promissor, no horizonte deste domínio de investigação. Os indivíduos apresentam uma estabilidade de padrões de comportamento, inclusive no campo das respostas agressivas (Olweus, 1979), que permite formular hipóteses sobre: *a*) o grau de interferência da situação nos padrões habituais das respostas individuais; *b*) os factores responsáveis pelos comportamentos agressivos estáveis dos indivíduos. Uma tal perspectiva é tanto mais interessante quanto certos neobehavioristas, como Mischel (1968), puseram fortemente em causa o conceito da personalidade. Perguntamo-nos, então, se sujeitos considerados como de personalidade agressiva e sujeitos de personalidade não-agressiva reagirão ou não de forma diferente aos estímulos violentos.

Por outro lado, pensamos que importa desenvolver os estudos que focalizem a importância dos processos cognitivos subjacentes à percepção dos filmes por parte dos sujeitos espectadores. Mais precisamente, não será de esperar que sujeitos que partilham diferentes representações da violência percepcionem diferentemente o mesmo filme agressivo e, conseqüentemente, apresentem diferenças nas respostas subseqüentes? Esta problemática enquadra-se, aliás, no âmbito dos estudos sobre o papel das representações sociais na organização dos comportamentos, e liga-se às questões focadas recentemente, pelas teorias da atribuição social, de interesse crescente no âmbito da psicologia social cognitiva. Esta convergência teórica reforça, quanto a nós, o interesse potencial da consideração da representação da violência como variável mediadora dos efeitos dos filmes agressivos.

Os estudos sobre os efeitos dos filmes agressivos parecem-nos, pois, relevantes, não só enquanto contribuem para a análise de uma questão de interesse social, mas talvez, e sobretudo, enquanto laboratório de articulação conceptual e campo de ensaio de procedimentos metodológicos. A nossa preocupação, ao interessarmos por este domínio de pesquisa em psicologia social, tem em vista a possibilidade de contribuir para estabelecer hipóteses fecundas, num campo que se tem caracterizado por uma reduzida elaboração teórica, em favor de um rigorismo experimental, aqui e além cruzado por preocupações expressas, mas insuficientemente conseguidas, de integração das variáveis estudadas.

SUMMARY

This paper is the second part of a series of articles on the effects of filmed violence on aggressive behavior, in which the authors attempt a review of the main theoretical trends in the basis of the experimental research of such effects.

The authors procede in the present paper to the critical review of the experimental manipulation in this domain of research, stressing the diversity of variables already studied as well as the methodological strategies developed by several researchers, and try to put up a new proposal for research in the current area of studies.

REFERÊNCIAS

- ANDISON, F. S. (1977) — TV violence and viewer aggression: A cumulation of study results; 1956-1976. *Public Opinion Quarterly*, 41, 314-331.
- BANDURA, A. e WALTERS, R. (1963) — *Social Learning and Personality Development*, Holt, Rinehart Winston Inc., New York.
- BANDURA, A., ROSS, D. e ROSS, S. (1963) — Imitation of film-mediated aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 66, n.º 1, 3-11.
- BANDURA, A., ROSS, D. e ROSS, S. (1963) — Vicarious reinforcement and imitative learning. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 67, n.º 6, 601-607.
- BANDURA, A. (1965) — Influence of model's reinforcement contingencies on the acquisition of imitative responses. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 1, n.º 6, 589-595.
- BARON, R. A. (1972) — Reducing the influence of an aggressive model: the restraining effects of peer censure. *Journal of Experimental Social Psychology*, 8, 266-275.
- BERKOWITZ, L. (1962) — *Aggression: a social psychological analysis*. McGraw Hill, New York.
- BERKOWITZ, L. (1965) — The concept of aggressive drive: some additional considerations. Berkowitz, L. (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology*, 1965, vol. 2, Academic Press, New York.
- BERKOWITZ, L. (1965) — The Frustration-Aggression Hypothesis Revisited in: Berkowitz, L. (Ed.) *Roots of Aggression — a re-examination of the Frustration-Aggression Hypothesis*, Atherton Press, New York.
- BERKOWITZ, L. (1970) — The contagion of violence: an S-R mediational analysis of some effects of observed aggression. *Nebraska Symposium on Motivation*.
- BERKOWITZ, L. e ALIOTO, J. T. (1973) — The meaning of an observed event as a determinant of its aggressive consequences. *J. of Personality and Social Psychology*, vol. 28, n.º 2, 206-217.
- BERKOWITZ, L., CORWIN, R. e HEIRONIMUS, M. (1963) — Film violence and subsequent aggressive tendencies. *Public Opinion Quarterly*, 1963, 27, 217-229.
- BERKOWITZ, L., GEEN, R. G. (1967) — The stimulous qualities of the target of aggression. A further study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 364-368.
- BUSS, A. H. (1961) — *The Psychology of Aggression*. Wiley, New York.

- COATS, B., PUSSER, H. E. e GOODMAN, I. (1976) — The influence of «Sesame Street» and «Mister Rogers' Neighborhood» on children's social behavior in the preschool. *Child Development*, 47, 138-144.
- COMSTOCK, G. (1978) — *Trends in the study of incidental learning from television viewing*. S. I. New house School of Public Communications. Syracuse University, Syracuse, New York.
- DA GLÓRIA, J. RIDDER, R. (1977) — Aggression in dyadic interaction. *European Journal of Social Psychology*, vol. 21, n.º 1, 30-34.
- DRABMAN, R. S. e THOMAS, M. H. (1977) — Children's imitation and prosocial behavior when viewing alone and in pairs. *Journal of Communication*, 27, 199-205.
- ERON, L. D., LEFKOWITZ, M. H., HUESMAN, R. e WALDER, L. (1972) — Does television violence cause aggression? *American Psychologist*, n.º 27, 253-263.
- FAULS, L. B., SMITH, W. D. (1965) — Sex role learning of five-years-old. *Journal of Genetic Psychology*, 89, 105-117.
- FESHBACH, S. (1961) — The stimulating versus cathartic effects of a vicarious aggressive activity. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 63, n.º 2, 381-385.
- FESHBACH, S. (1972) — Reality and fantasy in filmed violence, in *Television and Social Behavior*, vol. II, *Television and Social Learning*, J. P. Murray, E. A. Rubinstein & G. A. Comstock (Ed.), U. S. Government Printing Office, Washington D. C.
- FESHBACH, S. e SINGER, R. D. (1971) — *Television and Aggression: an experimental field study*. Jossey-Bass. San Francisco.
- FRIEDRICH, L. K. e STEIN, A. H. (1973) — Aggressive and prosocial programs and the natural behavior of preschool children. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 38, 4, serial n.º 151.
- GEEN, R. G. (1978) — Some effects of observing violence upon the behavior of the observer. In *Progress in Experimental Personality Research*, Brendan A. Maher (Ed.), Academic Press, vol. 8, 49-92.
- GOLDBERG, J. F. (1973) — *Film-mediated aggression: the effects of environmental cues*. Diss. Abstr. Int., 34 (B), 853.
- GORANSON, R. E. (1970) — Media violence and aggressive behavior: a review of experimental research. *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 5.
- HAPKIEWICZ, W. G. (1977) — *Cartoon Violence and Children's Aggression: a critical review*. American Psychological Association Convention.
- HARTLEY, R. (1964) — *The impact of viewing aggression*. Office of Social Research, C. B. S.
- HICKS, D. T. (1968) — Effects of co-observer's sanctions and adult presence on imitative aggression. *Child Development*, 39, 303-309.
- HORTON, R. W. e SANTOGROSSI, D. A. (1978) — The effect of adult commentary on reducing the influence of televised violence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 4, 337-340.
- KANFER, F. H. e PHILLIPS, J. S. (1970) — *Learning foundations of behavior therapy*, Wiley & Sons, N. Y.
- KATZ, E. (1956-1973) — Les deux étages de la communication. *Sociologie de l'Information*, Balle, F. Paioleau, G. (Ed.), Larousse, Paris.
- LAGERSPETZ, K. M. J. e ENGBLOM, P. (1978) — Immediate reactions to TV-violence by finnish pre-school children of different personality types, in: *Scand. J. Psychol.*, 1-11.
- LAZARSELD, P., BERELSON, B. e GAUDET, H. (1944) — *The people's choice: how the voter makes up his mind in a presidential campaign*, Sloan and Pearce, New York.
- LEFCOURT, H. M. e BARNES, K. (1966) — Anticipated social censure and aggression-conflict as mediators of response to aggression induction. *Journal of Social Psychology*, 70, 251-263.
- LEFKOWITZ, M. M. (1977) — *Growing up to be violent: a longitudinal study of the development of aggression*. Pergamon Press, New York.
- LEYENS, J.-Ph. (1975) — *L'Aggression*. Univ. Louvain, non-publié.
- LEYENS, J.-Ph. (1979) — *Psychologie Sociale*, Mardaga, Bruxelles.
- LEYENS, J.-Ph. e CAMINO, L. (1974) — Violence à l'écran et chez les spectateurs: quelques processus de médiation au niveau des individus et des groupes. *Rev. Psychol. Sci. Educ.*, 3, 279-300.
- LEYENS, J.-Ph., CISNEROS, T., CAMINO, L. e FISHER, J. (1974) — Cinéma et violence: comme contrôler le comportement agressif des spectateurs. Colloque: La Communication Sociale et la Guerre, Bruxelles.
- LEYENS, J. Ph., CAMINO, L., PARKE, R. D. e BERKOWITZ, L. (1975) — Effects of movie violence on aggression in a field setting as a function of group dominance and cohesion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 346-360.
- LEYENS, J.-Ph., CISNEROS, T. e HOSSAY, J. F. (1976) — Decentration as a means for reducing aggression after exposure to violent stimuli. *European Journal of Social Psychology*, 6 (4) 459-473.
- LEYENS, J. Ph., HERMAN, G. D. e DUNAND, M. (1979) — *Towards a renewed paradigm in movie violence research*. Univ. Cath. Louvain (manuscrito não publicado).
- LÖVAAS, O. I. (1961) — Effect of exposure to symbolic aggression on aggressive behavior. *Child Development*, 1961, 32, 37-44.
- MEYER, T. P. (1972) — Effects of viewing justified and unjustified real film violence on aggressive behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 23, 21-29.
- MILGRAM, S. e SHOTLAND, R. L. (1974) — *Television and anti-social behavior; Field Experiments*. Academic Press.
- MUSSEN, P. e RUTHERFORD, E. (1961) — Effects of cartoons on children's aggressive play. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 62, n.º 2, 461-464.
- NOBLE, G. (1973) — Effects of different forms of filmed aggression on children's constructive and destructive play. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 26, n.º 1, 54-59.
- OLWEUS, D. (1979) — Stability of aggressive reaction patterns in males: a review. *Psychological Bulletin*, vol. 86, n.º 4, 852-875.
- PARKE, R. D., BERKOWITZ, L. e LEYENS, J.-Ph. (1977) — Some effects of violent and nonviolent movies on the behavior of juvenile delinquents. *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 10, Academic Press.

- PITKÄNEN, L. e PULKKINEN, L. (1976) — Self-control as a prerequisite for constructive behavior. *Rep. Dep. Psychol. Univ. Jyväskylä*, 1, 1-21.
- RILEY, J., RILEY, M. (1959-1973) — La communication de masse et le système social, in: Balle, F. et Padioleau, G. (Ed.) *Sociologie de l'Information*, Larousse, Paris.
- SAWIN, D. B. (1977) — The fantasy-reality distinction in televised violence: modifying influences on children's aggression. *American Psychological Association*. San Francisco.
- SEARS, R., MACCOBY, E. e LEVIN, H. (1957) — *Patterns of child rearing*, Row Evanston.
- SIEGEL, A. E. (1956) — Film-mediated fantasy aggression and strenght of aggressive drive. *Child Development*, 27, 355-378.
- SINGER, R. (1975) — *Psychological effects of televised violence. Review and methodological critique*. Univ. California (unpublished).
- TANNEMBAUM, P. H. (1971) — *Emotional arousal as a mediator of erotic communication effects*. Technical report of the Commission on Obscenity and Pornography, vol. 8. Government Printing Office, 1971, Washington.
- TANNEMBAUM, P. H. e ZILLMAN, D. (1975) — Emotional arousal in the facilitation of aggression through communication, in: L. Berkowitz (Ed.) *Advances in experimental social psychology*, vol. 8, New York, Academic Press.
- WEISS, W. (1969) — Effects of the mass media of communication. In Lindsey, G. e Aronson, E. (Ed.) *The Handbook of Social Psychology*, vol. 5, Applied Social Psychology, 2nd edition, p. 77-195.
- ZILLMANN, D., JOHNSON, R. C. e HANRA-TEN, J. (1973) — Pacifying effect of happy ending of communications involving aggression. *Psychological Reports*, 32, 967-970.